

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Nataniel dos Santos Gomes¹ (UEMS)

José Bráulio da Silva Jr² (UEMS)

Hugo Augusto Turaça Leandro³ (UFMS)

Letícia Reis de Oliveira⁴ (UEMS)

Taís Turaça Arantes⁵ (Bolsista PIBIC – UEMS/FUNDECT, MS, Brasil)

Introdução

Os quadrinhos vão muito além do que uma simples leitura por prazer. Atualmente a sua circulação melhorou em relação às décadas anteriores. Aqueles que buscam exemplares para leitura vão se deparar com uma diversidade de gêneros, que vão dos “gibis” até os “mangás”. Com várias adaptações cinematográficas de sucesso, os quadrinhos norte-americanos acabaram tendo um grande destaque em diversos meios, tais como em redes sociais, blogs, desenhos animados, cinema, séries de TV, entre outros. Este trabalho visa fazer a relação dos quadrinhos com a inclusão social, a religião, o rock’n’roll e as versões europeias, pouco conhecidas de nosso público.

1. A religião entra nas HQs

As histórias em quadrinhos tornaram-se mais um recurso utilizado por várias religiões praticadas no Brasil, no entanto esse uso ainda é restrito (Gomes, 2012), devido ao custo e a pouca criatividade empregada para criar HQs de cunho religioso. A utilização das histórias em quadrinhos como instrumento para propagar uma religião deve-se ao fato de que a linguagem direta do texto da HQ vinculada à imagem o que facilita a leitura e proporciona uma mensagem mais direta do que os livros, principalmente se pensarmos na Bíblia que tem uma linguagem demasiadamente complexa (Gomes, 2012).

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Aluno da Licenciatura e do Bacharelado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

³ Aluno da Especialização da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴ Aluna da Licenciatura e do Bacharelado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

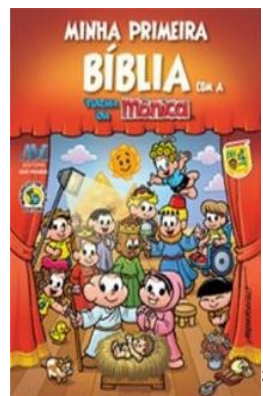
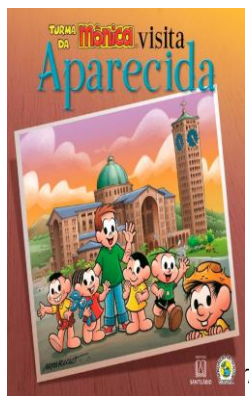
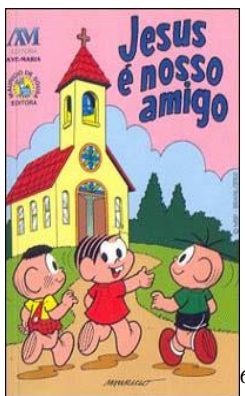
⁵ Bolsista PIBIC – UEMS/FUNDECT, MS, Brasil, aluna da Licenciatura e do Bacharelado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

De acordo com Waldomiro Vergueiro em entrevista ao site *Deus no Gibi* afirma que, dois grupos religiosos que adotaram esse recurso e o mantiveram foram a Associação Espírita com a revista *Toinzinho* e a protestante com a revista *Smilinguido*.

A primeira possui edições que tratam da questão do desmatamento, outras versões com a presença do personagem “Chico Xavier”. Já a segunda, é produzida com histórias destinadas geralmente para o público infantil, com questões morais, ensinando sobre amizade, bom comportamento e os vários ensinamentos provenientes da Bíblia.

A Editora Católica Ave Maria também investiu nesse instrumento para alcançar seu público em parceria com Maurício de Souza que ilustra as histórias. *Jesus é nosso amigo* que é um livro de catequização escrito por Elias Leite, com ilustrações de Mauricio de Sousa.

A Editora Santuário também fez um livro escrito pelo **Padre Ferdinando Mancílio**, utilizando os personagens da HQ *Turma da Mônica*. O livro mostra a turma em uma visita a cidade de Aparecida, por meio da história vivida pelos personagens de Mauricio de Sousa os leitores tem a oportunidade de conhecer e ter maiores informações sobre a cidade e da basílica de Nossa Senhora da Aparecida.



⁶ Imagem e informações sobre a HQ disponível em http://www.universohq.com/quadrinhos/2004/n06052004_02.cfm acesso em 3 de maio de 2013

⁷ A imagem e mais informações sobre o livro estão disponíveis em: http://hqmaniacs.uol.com.br/Turma_da_Monica_visita_Aparecida_36110.html acesso em 21 de maio de 2013.

⁸ Imagem utilizada está disponível em: <http://tribodejacob.blogspot.com.br/2011/01/turma-da-monica-conta-biblia.html> acesso em 21 de maio de 2013.

Já a *Minha primeira Bíblia com a Turma da Mônica* foi um projeto desenvolvido pelo desenhista e criador da “Turma da Mônica”, Maurício de Sousa e o Padre Luís Erlin, trata-se de adaptações das histórias da Bíblia com ilustrações das personagens da HQ.

Tanto no livro *A turma da Mônica visita Aparecida*, quanto *Minha primeira Bíblia com a Turma da Mônica* ou mesmo no mangá *Messias* atingem um público maior. Pois mesmo que pareça uma opção moderna, o fato de as religiões usarem a HQ como recurso para “divulgar” seus ensinamentos, ainda é pouco utilizada devido ao custo que é produzir uma revista dessas, por mais simples que seja.

Já que a distribuição de quadrinhos parece não compensar pequenas tiragens nas bancas de jornais, a melhor alternativa é criar os chamados *graphic novels*, um tipo de quadrinhos, que, normalmente, tem uma estética e uma história mais adulta (...) para as livrarias tem valor de livro e não de quadrinhos. (Gomes, 2012).

As religiões que têm como “manual” a Bíblia Sagrada utilizam as HQs como recurso visando atingir principalmente o público que está iniciando a leitura do livro. As narrativas bíblicas por sua vez contribuem em muitos aspectos para a produção dos quadrinhos, já que essas possuem descrições e imagens extremamente simbólicas, e difíceis de entender somente com acesso ao livro “tradicional”. Por outro lado, essas narrativas propiciam uma série de “aventuras” e histórias cheias de heróis, como Davi, o jovem pastor baixinho, que derrotou o gigante Goliás e Sansão o homem que tinha grande força e protegia o seu povo dos ataques do exército Filisteu. Sobre a semelhança entre heróis da Bíblia e os das HQs, Gonçalves diz:

A Bíblia, conjunto de livros, com relatos de heróis, milagres, poderes, guerras, festas, conflitos, histórias de amor e ódio, da manifestação do sagrado e a orientação de preceitos religiosos, a intervenção divina, a apresentação da humanidade com suas potencialidades e limitações. Existe uma similaridade entre os super-heróis das HQs, heróis de religiões diversas e as histórias de homens e mulheres bíblicos. (Gonçalves, 2012)

E é devido à presença de vários heróis nas histórias bíblicas que muitas vezes encontramos semelhanças entre esses “personagens” com os das histórias em quadrinhos comuns, que não tem um caráter “doutrinário”.

Já que a questão da produção de quadrinhos específicos tem valor elevado, podemos notar que muitos personagens demonstram suas crenças de acordo com o roteirista responsável pela história, conforme veremos abaixo.

1.1. Personagens das HQs e suas crenças

1.1.1. Asa Noturna

Menino que ao perder os pais de forma trágica e ficar completamente sozinho foi adotado por Bruce Wayne. Ao lado de Batman assume a identidade de Robin para lutar contra o crime junto com seu tutor, mas quando cresce e não vê mais sentido em continuar vivendo na “dependência” de vigilante de Gotham, por isso decide seguir carreira solo e se transforma no Asa Noturna. O “novo” herói se apresenta diferente não só pela mudança em sua roupa, mas também por alguns de seus costumes, pois em algumas edições da HQ aparece lendo a Bíblia na versão NVI (Nova Versão Internacional) e ouvindo CD da banda cristã D.C. Talk.

1.1.2. Demolidor

Um homem cego que aparentemente seria inofensivo vai lutar por justiça, ele também é advogado que vai defender a causa dos “pobres e oprimidos”. As grandes questões que chamam a atenção é que ele irá se vestir de demônio para combater o mal, “mesmo sendo um católico convicto e praticante” (Gomes, 2012) e ele usa esse recurso para intimidar os bandidos de seu bairro, além desse fator ele é cego, mas enxerga coisas que muitos olhos saudáveis não veem.

Se pensarmos no nome original *Daredevil* o personagem de Stan Lee é o “Homem sem medo”, o nome traduzido para o português não pode ser considerado de forma literal, por isso ficou “Demolidor, o homem sem medo”, no entanto, devido a essa adaptação perdemos parte do sentido da insígnia, as letras que aparecem no peito do personagem “DD”.⁹

⁹ Informações retiradas do artigo do site *Deus no Gibi*. Disponível em <<http://deusnogibi.dominiotemporario.com/doc/DEMOLIDOR.PDF>> acesso em 21 de maio de 2013.

1.1.3. Chico Bento

Podemos perceber e afirmar que Chico Bento é um personagem diferenciado de Maurício de Sousa, enquanto o restante da turma vive na cidade de forma agitada e sempre brincando. O personagem caipira precisa ajudar os pais na vida na fazenda e ainda conciliar seus afazeres aos estudos e por isso a sua interação com o restante da turma é rara. Mesmo que ele tenha um desempenho ruim na escola, provavelmente por conta do cansaço de trabalhar na roça, ele é considerado um bom menino.

Além disso, não raro historinhas com cenas que retratam a religiosidade do personagem, muitas vezes quando ele está em perigo, diante de algo que fez de errado ou até mesmo no final do dia antes o personagem aparece ajoelhado rezando e muitas vezes invocando alguns santos quando está em situação difícil evidenciando que faz parte da religião católica.¹⁰

1.1.4. Super-Homem

Não é por acaso que o Super-Homen é considerado o personagem mais messiânico do universo das HQs, isso se dá pela semelhança dele com o personagem bíblico Jesus Cristo.

(...) muitos paralelos já foram apontados entre Moisés como uma figura que aponta para Jesus Cristo, portanto, não deveria ser surpresa esse tipo de análise. Kal-El foi mandado por seu pai do planeta Kripton, caindo no Centro-Oeste dos Estados Unidos. Jesus foi enviado do Céu para o Oriente Médio por meio da concepção imaculada de Maria (...)” (Gomes, 2012).

Essa semelhança entre o personagem da HQ e o bíblico fica ainda mais evidente na HQ “*Reino do Amanhã*” com roteiro de Mark Waid e ilustração de Alex Ross, com um enredo baseado na interpretação do texto bíblico do *Apocalipse*. Essa aproximação entre os dois personagens se dá pelo fato de que o Super-Homem retorna a terra a fim de colocar

¹⁰ Em artigo o site Deus no Gibi diz sobre Chico Bento: “(...) não é raro ver o Chico Bento ajoelhado, rezando”. Seja diante de uma onça, seja diante do vizinho de quem roubou as goiabas, seja do lado cama, antes de dormir, à luz de uma vela. O Chico sabe da importância de falar com Deus e o conhece. Não é da missa, não é do sermão. O Deus que o Chico conhece é apresentado para ele no bom relacionamento com as pessoas, na criação e no perdão.” Disponível em: <<http://deusnogibi.dominiotemporario.com/doc/CHICO-BENTO.PDF>> acesso em 21 de maio de 2013.

tudo em ordem, pois tudo estava um caos, o seu retorno é para “salvar” assim como encontramos no texto bíblico, que Jesus promete voltar para salvar seu povo.

Essa semelhança entre o Super-Homem e o Cristo é apresentada de várias formas, uma delas é o fato de o Apocalipse tratar do anúncio da volta de Cristo, enquanto em *Reino do Amanhã* temos um anúncio do retorno do Super-Homem, na HQ encontramos a seguinte fala a respeito do retorno do herói:

O Superman **retornou**... e ao fazê-lo arrancou da **reclusão** os titãs do passado... com seu brilho de esmeralda e lampejos escarlates **iluminando** as trevas do dia. (Waid, 2004, p. 85)

O Super-Homem volta “iluminando as trevas”, ele trás luz, ele é o próprio messias na HQ. Em se tratando de Clark Kent, o homem que torna-se herói, “(...) em várias histórias, ele é visto frequentando os cultos da Igreja Metodista com seus pais terrenos.” (Gomes, 2012) o que nos mostra o lado “espiritual” do personagem.

Diante dos exemplos que vimos de personagens que “assumem” ou demonstram suas crenças por meio de atitudes, costumes, ou fala, não podemos desconsiderar a importância das religiões nas HQs para que elas construam sentido. Muitas vezes as influências literárias, ou até mesmo dos textos da Bíblia Sagrada são fontes para constituir o enredo e a personalidade de muitos personagens.

2. Quadrinhos e Rock

Nessa sessão, vamos discutir a HQ *Seventh Son Of A Seventh Son* (O sétimo filho do sétimo filho), inspirado no álbum musical homônimo da banda inglesa Iron Maiden.

A HQ, apesar de inspirado no disco da banda, é de iniciativa totalmente *underground*, ou seja, sem apoio de grandes marcas e criação de artistas renomados, simplesmente feito por fãs.

2.1. A Donzela de Ferro e a literatura

A banda britânica Iron Maiden foi formada em 1975. Com quase quatro décadas de existência, quinze álbuns de estúdio, seis álbuns ao vivo, quatorze vídeos e diversos

compactos, o Iron Maiden é uma das mais importantes e bem sucedidas bandas de toda a história do heavy metal.

O disco que serviu de base para os quadrinhos foi originalmente lançado em 1988 e tem como tema a lenda de uma criança nascida com dons sobrenaturais de profecias. A história narra o nascimento do sétimo filho de um sétimo filho, alguém com poderes sobrenaturais. O personagem passa a vida tentando usufruir de seus poderes e ajudar as outras pessoas e a si mesmo, porém Lúcifer tenta fazer com que o ele se volte para o mal.

O disco é inspirado no livro de Orson Scott, *The seven son*. Não foi a primeira vez que a banda buscou inspiração na literatura. O disco *Killers* (1981) tem a terceira música baseada em um dos contos do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, *Murders In The Rue Morgue*. Assim como o disco *The Number of te best* (1982) tem na musica tema do disco um trecho da Bíblia – o Apocalipse. O disco *Brave New Word* (2000) assim como também foi inspirado parcialmente inspirado em um livro, *Admirável mundo novo* do inglês Aldous Huxley. Uma música em especial, *Out of the Silent Planet*, é baseado no primeiro livro da trilogia espacial de C.S. Lewis.

2.2. Enredo da HQ e a letra das músicas

A relação das letras do disco com o enredo do quadrinho busca ser o mais literal possível. O autor da HQ soube encaixar não só a temática da letra como o espírito da trama de forma que se construísse um enredo, tanto na narração quanto nas falas dos personagens. Vejamos uma trecho da HQ e a letra *Can I Play With Madness* (Posso brincar com a loucura?).

Podemos perceber que o uso das músicas como fonte de inspiração para as HQs não são comuns, principalmente no caso deste álbum, feito a várias mãos e transformado em uma história linear e coerente pelo quadrinista.

He said do you want to know the truth son?
I'll tell you the truth!
Your souls' gonna burn, in a lake of fire!

Can I play with Madness?
The prophet stared at his crystal ball,

Can I play with Madness?¹¹



¹¹ Ele disse "você quer saber a verdade, filho?
Eu vou te dizer a verdade
Sua alma vai queimar em um lago de fogo"

Eu posso brincar com a loucura?
O profeta olha em sua bola de cristal
Eu posso brincar com a loucura?



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



3. Quadrinhos e inclusão

Essa sessão pretende apresentar a proposta da inclusão social em da sala de aula, utilizando os super-heróis como instrumento. Porém, temos duas problemáticas: “inclusão social” e “super-heróis”.

Quem são os super-heróis? O que fazem para serem considerados super-heróis? São de carne e osso? Independente das diversas respostas, sabendo que cada sociedade criará seu super-herói baseado em suas necessidades, um poderá sim ser de carne e osso e poderá ou não fazer grandes feitos, como dito será necessário compreender a sociedade da qual está inserido para então poder interpretá-la. Segundo Gomes (2012):

[...] uma força invisível que torna os indivíduos agentes da mudança histórica, graças à interpretação do mundo real através dos símbolos que habitam a mente humana desde tempos imemoriais o mundo da imaginação, levando-nos a realizar grandes feitos, verdadeiras epopeias, registradas em livros sagrados da diversidade étnica religiosa, transformadas em sagas ultramarinas na descoberta de novas terras [...].

Note-se que um super-herói poderá surgir a partir de um simples símbolo que poderá ou não ser visível, podendo ser até mesmo uma simples ação memorável. Sabemos então que uma simples ação poderá ser realizada por uma “simples pessoa”, ou seja, um ser de carne e osso, dessa forma sabemos que os super-heróis poderão criar-se de qualquer pessoa.

Temos os super-heróis, seres fortes seja fisicamente, místicos ou devido alguma alteração genética; são seres “diferentes” do que a sociedade classifica como “normais”, no caso, pessoas que trabalham, tem uma vida estável, se casam, tem filhos e etc. Como incluí-los numa sociedade que os consideram anomalias? É interessante ressaltar que muitos deles poderiam devastar com seus poderes uma grande parte da raça humana, no entanto, não o fazem, isso por diversos motivos, sem adentrarmos na questão “bem e mau”.

A inclusão social é um assunto que pode consideravelmente complexo, devido ao fato de confundir-se com o termo inclusão. O que realmente a sociedade deseja, incluir ou igualar? Se a própria sociedade afirma que algumas pessoas necessitam ser inclusas, não estaria já afirmando que são diferentes? Qual o mal



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



em ser diferente, por que é necessário aprofundar tanto em um discurso de direitos, que por si só deveriam valer para todos, sem exceções, bastando apenas ser um ser humano. Infelizmente sabe-se que as diferenças nem sempre foram tratadas da forma que entendemos hoje, e para isso seria necessário um estudo aprofundado do tema.

É necessário compreender que muitas vezes o ser em questão ao qual discute-se incluí-lo em determinada situação, poderá não adaptar-se devido suas limitações, não que isso seja um empecilho para que possa alcançar e ter oportunidades como todos, porém, não virar as costas para sua individualidade, e que caso seja portador de uma necessidade especial precisará de atenção diferenciada.

Nota-se muitas vezes que a não aceitação da situação é um primeiro passo para problematizar mais ainda a situação em questão. E que com isso, estaria dificultando ainda mais a qualidade de vida do indivíduo em questão. Salientar as necessidades do sujeito não é impedi-lo de que busque o que deseja alcançar, mas tratar do assunto com respeito e proporcionar o que realmente necessita, respeitando seu ritmo ou singularidade.

A sociedade ao invés de aceitar e respeitar o indivíduo como um todo, cria mesmo que de forma indireta situações das quais os seres sintam-se divididos. Temos o sujeito normal e o não normal. Se aceitasse suas particularidades, poderiam ser muito mais aproveitadas suas qualidades: dentro de uma sala de aula temos 90% das mesas e cadeiras, sejam separadas ou não, para pessoas destras, não importando-se com as necessidades dos alunos que não são.

Não é de hoje que a sociedade separa os seres dos normais dos não normais, dos superiores dos inferiores, entre outros. Segundo Gomes:

Adolf Hitler, durante a década de 1930, disseminou na sociedade alemã a ideia da descendência germânica de uma suposta raça superior, forte e inteligente, predestinada a dominar o mundo pela “pureza” genética [...] [...] que acabou por promover um processo de “limpeza” étnica global pelos nazistas, até então nunca imaginado.

Percebe-se aí a intenção de higienizar a sociedade e que para isso não importa as ações que serão realizadas ou como serão aceitas, mas sim como completá-las para chegar-se ao resultado desejado.

Percebe-se que esse assunto necessita encontrar outras formas para ser discutido, principalmente dentro da sala de aula, período em que o ser humano passa a maior parte da vida, podendo estendê-lo até a



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



fase adulta com os cursos superiores. Uma criança/aluno que sofrer uma retalhação psicológica no período escolar, dificilmente esquecerá nos anos seguintes.

Será necessário a aquisição de novas ferramentas para que seja possível trabalhar dentro da sala de aula, para despertar o interesse dos alunos. Dentro desse contexto torna-se possível apresentar (mesmo que já conhecido) os quadrinhos, porém, com uma abordagem diferenciada, pois agora os quadrinhos terão um importância relevante, tendo em vista que por muitos anos eram considerados como leituras não satisfatórias para serem trabalhados dentro da sala de aula.

Dentro do universo dos quadrinhos é possível além de trabalhar diversos assuntos, também a inclusão social. Como citado, dependendo da necessidade da sociedade no momento. Se citarmos os personagens considerados super-heróis, todos de uma certa forma são excluídos da sociedade, mesmo que de diferentes maneiras. Deve-se lembrar que a inclusão social trata-se não somente de casos de necessidades especiais, porém, de situações étnicas, financeiras e etc.

3.1. Proposta para discussão com os alunos

Abaixo separamos algumas ideias que podem ser utilizadas para discutir a inclusão com alunos, pais e professores.

3.1.1. Homem-Aranha

O Homem-Aranha é alguém que adquiriu poderes após ter sido picado por uma aranha geneticamente alterada, passando de um *nerd* a super-herói com grandes poderes e responsabilidades. Entretanto, era antes da alteração genética, uma pessoa considerada excluída de rodas de amigos por ser portador de uma mente brilhante e fruto disso estar sempre com boas notas na escola.

Percebe-se no exemplo do Homem-Aranha, que mesmo sendo alguém inteligente uma qualidade notável, era alguém retraído e muitas vezes sem auto-confiança. Será realmente necessário todo um trabalho para incluir o Aranha na sociedade que não o aceita da forma que é? Ou seria mais interessante a sociedade aprender e compreender que existem seres com diferentes habilidades?

Muitos dos motivos da falta de interesse dos alunos em determinados assuntos, é pelo fato do mesmo ser tratado de forma sem proporcionar uma interação com o assunto a ser discutido, tendo em mente que nem todo conteúdo poderá ser trabalhado da mesma forma, entretanto, os quadrinhos por exemplo abordam assuntos que podem ser citados como exemplos em diferentes situações. Muitas das histórias em quadrinhos, seja de super-heróis ou não, apontam temas políticos, esses por sua vez podendo ser retratado com uma simples citação de uma determinada história, tendo como proposta resgatar o interesse do aluno.

3.1.2. Heróis da DC Comics

Heróis da DC Comics (Superman, Batman, Mulher-Maravilha e outros) por exemplo, muitas vezes não toma decisões devido a entraves políticos, ou seja, mesmo sendo detentores de grandes poderes (sabendo que alguns possuem somente habilidades físicas e psíquicas) não fazem uso do mesmo, pois estão preocupados com as opiniões políticas. Esse é um exemplo a ser discutido e trabalhado em alguma aula cujo tema central seja político, devendo antes ser planejado e estudado para um bom aproveitamento.

Já é tempo de repensar os interesses da sociedade em questão, não prendendo-se ao passado. É o momento para apresentar a diversidade e perceber que os quadrinhos são materiais ricos que podem apresentar soluções proporcionando interação com o assunto por meio de imagens, forma prática para despertar o interesse de qualquer que seja o aluno, tendo em vista a variedade dos quadrinhos e seus temas.

4. A guerra nos quadrinhos europeus: A Era Guerra das Trincheiras (1914-1918)

Na última sessão vamos explorar *Era Guerra das Trincheiras (1914-1918)*, de Jacques Tardi. Antes de tudo se faz necessário mencionar que não focaremos a parte histórica da guerra, mas sim com o olhar voltado para a imagem do homem dentro da obra, uma vez que o próprio autor diz: “Eu só me interesso pelo homem e por seus sofrimentos, e a minha indignação é grande...”(2011).

4.1. Breve contextualização da Guerra das Trincheiras

A obra de Tardi não é, propriamente, uma obra histórica. Nela o homem tem o seu destaque, não só para a sua história, como também um destaque para seus sentimentos. Cada qual com seus medos e desejos, mas no fundo com uma vontade comum: voltar para casa.

Porém antes de adentrarmos mais na obra de Tardi se faz necessário tentar mostrar, brevemente, o que foi A Guerra das Trincheiras. A dita guerra foi a segunda etapa da Primeira Guerra Mundial, ambos os lados cavam trincheiras para se abrigarem do frio. Elas chegaram na segunda fase e foram até o final da guerra, fazendo com que os soldados acabassem perdendo mais ainda a esperança e ficassem cada vez mais fracos. Segundo Araripe:

As trincheiras ficaram por três anos, até o fim, marca inesquecível da Grande Guerra. Os que viveram nela se foram, mas as suas provações estão registradas nas cartas de combate, na literatura, no cinema. A presença constante da morte, do ferimento, do gás tóxico, do medo, enfim, coexistia com a miséria da lama, dos piolhos, dos ratos, da imundície. À frente a “terra de ninguém”, termo cunhado durante a Grande Guerra, 500, 200 m de terreno, às vezes apenas 50. Os combatentes vão melhorando suas trincheiras, aumentando-lhes a capacidade de defesa com sacos de areia, redes de arame farpado onde penduram latas para alertar sobre a presença inimiga, posição de tiros e de causa, sapas para as ligação com a retaguarda, nichos laterais para abrigarem-se durante os bombardeios, depósitos de munição. Ao mesmo tempo, minoram-lhes as misérias condições de habitabilidade.

Percebe-se que a vida dos soldados não era algo fácil para se enfrentar. Em condições subumanas eles eram obrigados a se habituarem e conseqüentemente não abandonarem suas posições. Assim como Tardi deu foque na figura do ser humano, o trabalho também volta sua explicação para a mesma intenção.

4.2. Entrando na obra

O tempo não é linear na HQ, como é constituída de episódios com foco em um determinado personagem, ou seja, a história que abre *Era Guerra das Trincheiras* é de propriamente¹² de Binet e acontece em outubro 1917, depois outra história é contada em dezembro 1914, mas para frente encontramos outra que data janeiro 1918.

¹² Usa-se palavra propriamente, pois acontece uma breve explicação antes de se chegar no personagem Binet. Ressaltando que essa história ocupa desde a página 09 até 28, e que foram publicadas em 1983, com o título *Le trou d'obus* (O buraco da Ogiva).



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Compreende-se que a vida dentro das trincheiras é revelada como algo cheio de terror, medo, frio, fome, desconforto, e cheia de saudades de casa. Tardi nos dá uma definição de sua própria obra:

ERA A GUERRA DAS TRINHCEIRAS não é um trabalho “de historiador”... Não se trata da história da Primeira Guerra Mundial narrada em quadrinhos, mas sim de uma sucessão de situações não cronológicas, vividas por homens manipulados e enlameados, obviamente nada satisfeitos por estarem onde estão, com a expectativa de vida de apenas mais uma hora, desejando mais do que tudo voltar para casa... em uma palavra, que a guerra acabasse! Não há “herói”, não há “personagem principal” nesta “aventura” coletiva lamentável que é a guerra. Não há nada além de um grito gigantesco de agonia.

O obra é constituída pela perspectivas dos personagens sobre a guerra, em determinados momentos os homens que Tardi criou para demonstrar o horror da guerra mostram-se indiferentes, em algumas passagens, com a questão da morte, mas não sem um acaso, no fundo eles estão cansados da situação em que se encontram e preferem, mesmo com medo, irem de encontro com a própria morte, para acabar com os seus sofrimentos.

Claro que não se pode esquecer dos traços dos desenhos de Tardi. Em alguns momentos os rostos dos soldados ficam focados, e o que acaba dando uma ideia de documentário. Os tons dos desenhos são mesclados em escala cinza, chegando até o preto. Os traços são bem próximos da realidade, tanto quando vai olhar para a face dos personagens, quanto para a construção do cenário. Vejamos uma imagem para exemplificar melhor:



Com frequência excessiva, os soldados são obrigados a sair das trincheiras e combates corpo a corpo apavorantes são travados na *no man's land*. O jogo consiste, para os franceses, em tentar tomar a 1ª linha alemã e, para os alemães, em tentar tomar a 1ª linha francesa...



É um lugar muito frequentado durante a noite. Homens são enviados para ver o que está acontecendo do outro lado, para reparar a rede de arame farpado, para ludibriar o oponente e fazer prisioneiros, para resgatar feridos ou enterrar os mortos muito vistosos e desmoralizantes, como o cadáver de um companheiro preso ao arame farpado, apodrecendo.

Na *no man's land*, encontram-se arame farpado colocado para impedir ataques-surpresa, mortos das ofensivas da véspera, feridos agonizantes e dejetos de todo tipo, além de buracos de ogivas que a chuva enche de água.



Nesta imagem, em 1º plano, um soldado de 2ª classe morto: BINET.

Figura 1¹³

Percebemos que o autor não poupa detalhes na edificação do cenário. Os corpos dos soldados são realistas e a perspectiva dos quadros conseguem focalizar bem a intenção de mostrar o terror da guerra. Há focalização de dois soldados em primeiro plano, um na verdade é somente a caveira e o outro um soldado morto chamado Binet. Nas próximas páginas da obra é narrado como Binet morreu.

A imagem não foi escolhida por acaso, ela foi elegida pelo fato de também estar relatando como era a situação em “no man's land”. Ele explica o que é encontrado e o que pode acontecer em “no man's land”. Os soldados na obra de Tardi possuem medo de irem até lá, pois sabem que existe uma grande probabilidade de não voltarem vivos.

¹³ Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/wp-content/uploads/2011/12/jacques4.jpg>.
Acessado em 24 de maio de 2013, às 19:20.



Figura 2¹⁴

No último quadro dessa imagem é relatado o quão os soldados já estavam fadigados com a guerra e a opinião dos mesmos sobre seus governos. Nas frases “De uma parte e de outra, alemães e franceses não têm nenhum motivo sério para se matarem uns aos outros.”, é notório que depois dos meses passarem eles já não são mais os mesmos e possuem já uma opinião diferente sobre seu inimigo, melhor dizendo, eles já não enxergam os homens das outras trincheira como um inimigo, mas como outros homens que estão morrendo junto com eles. Para exemplificar um pouco mais, segue abaixo um trecho do documentário da HBO *Traumas de Guerra (1861 – 2010)*, lançado em 2011, no qual um soldado veterano conta uma situação que viveu na guerra:

Durante a luta nós estávamos em trincheiras e só havia nós dois, e nós olhamos para fora e vimos que quatro soldados alemães vinham. E eu desmoronei. Me desculpe, é que... nós atiramos neles. Um deles ainda estava vivo, e eu não sabia o que fazer, porque ele estava morrendo gradualmente. No entanto ele apontava seu bolso. Dizendo: família, família. E então eu tomei a foto e era sua esposa e crianças. E então ele morreu. Quando você vê um homem que tinha crianças e têm família significa que era como nós.

Logo, reafirma-se que essa obra de Tardi é voltada inteiramente para o homem, claro que o autor fez inúmeras pesquisas e procurou falar com pessoas que pesquisam questões relacionadas com guerras, e teve contato com as próprias histórias do avô, porém a conclusão que se chega é que toda a essa busca por dados foi com a intenção de reconstituir um cenário bem fiel para que os seus personagens conseguissem relatar os seus sofrimentos.

4.3. E agora, José?

¹⁴ Disponível em:
<http://revistacult.uol.com.br/home/wp-content/uploads/2011/12/jacques3.jpg>. Acessado em 24 de maio de 2013, às 19:30.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Era Guerra das Trincheiras (1914-1918) possui como foco o homem, a obra retrata as milhões de histórias que aconteceram nas guerras que não foram de fato revelados em muitos documentários e relatos históricos. Mesmo a obra sendo de ficção, inspiradas por relatos, ela possui o seu fundo de verdade.

Por mais que Tardi tenha se atentado somente a 1ª Guerra Mundial, a vida dos soldados não difere muito de uma guerra para outra. Com os depoimentos dos documentário pode-se perceber que a guerra deixa cicatrizes profundas, não só nos soldados, mas também nos familiares.

Considerações finais

Depois de um breve passeio por quatro áreas tão distintas (religião, música, inclusão e guerra) esperamos que tenha ficado claro que os quadrinhos não podem ficar restritos ao senso comum que afirma que são coisas de criança ou obras menores. Ao contrário, eles podem ser instrumentos muito úteis para o professor na sala de aula ou ainda podem apresentar assuntos classificados como tabus, ou ainda apresentar uma versão da realidade com a velocidade maior do que a maioria das mídias, por exemplo, depois dos atentados de 11 de setembro, em poucas semanas foram lançados quadrinhos em que os super-heróis lamentavam a tragédia e a impotência para evitá-los.

Ainda há muita coisa que pode ser discutida e apresentada, mas isso fica para a próxima edição...

Referências bibliográficas

ARARIPE, Luiz de Alencar. *Primeira Guerra Mundial*. IN. MAGNOLI, Demetrio. *Histórias das Guerras*. São Paul: Contexto, 2006. Pág. 319-354.

ALBUQUERQUE, Afonso de et alii. *Perturbação Pós-Traumática do STRESS (PTSD) – Avaliação da taxa de ocorrência na população adulta portuguesa*. ACTA MÉDICA PORTUGUESA, 2003. Vol. 16. Pág. 309-320. Disponível em:<http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2003-16/5/309-320.pdf>

GANDOUR, Ricardo. *A Primeira Guerra Mundail (1914-1918)*. In. *Atlas da História do Mundo*. Folha de São Paulo, 1995. Pág 248-249.

GOMES, N.S. *100 quadrinhos para se ler antes de morrer*. Inédito, cedido pelo autor.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



GOMES, N.S. *Deus entrou no universo dos Super-heróis: como a religião tem usado os quadrinhos para proclamar suas doutrinas.* In: GOMES, N.S. (Org.) *Quadrinhos e transdisciplinaridade.* Curitiba: Apris, 2012.

GONÇALVES, F.C. *Os quadrinhos se renderam a bíblia: o livro sagrado como fonte para Gibis.* In: Gomes, N.S., Rodrigues, M.L. (Org.) *Para o alto e avante! Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula.* Curitiba: Appris, 2012.

GUSMAN, S. *Turma da Mônica ilustra livros de editora católica.* Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2004/n06052004_02.cfm> acesso em 03 de maio de 2013.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front.* Porto Alegre: L&PM, 2004.

SILVA, A. M. da. *Uma leitura funcionalista em Apocalipse* – Disponível em Anais CIFEFIL <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/alexswandermdasilva.pdf>> Acesso em 27 de março de 2013.

TARDI, Jacques. *Era A Guerra das Trincheiras (1914-1918).* Belo Horizonte: Nemo, 2011.

WAID, M. e ROSS, A. *Reino do Amanhã.* São Paulo: Panini Comics, 2004.

Videografia

Traumas de Guerra (1861 – 2010) – HBO, produzido em 2011.

Primeira Guerra Mundial - O Fim de Uma Era - Log On Filmes, produzido em 1997.

O Dia Da Sobrevivência O Regresso A Casa Do Iraque – HBO, produzido em

Primeira Guerra Mundial – BBC, produzido em 2003.

World War I in Color - Museu de Guerra Imperial de Londres, produzido em 2003.